



Vida de João Nepomuceno Neumann

Bispo redentorista de Filadélfia

Tradução por um redentorista

**Edição Pdf de Fl. Castro
Aparecida, 2004**

Segundo testemunho do Pe. José Oscar Brandão, CSSR, a tradução é do Pe. Geraldo Pires de Souza (1895-1969), como se comprova pela letra manual das correções.

No manuscrito não consta o autor. A ortografia foi atualizada.

1. O estudante na Europa

João Nepomuceno Neumann nasceu a 28 de março de 1811 — naquele ano Quinta-Feira Santa — em Prachatitz, cidade da Boêmia. Seu pai, natural da Baviera, tinha uma pequena fábrica de meias e soube conquistar um posto de honra na cidade por sua honradez e operosidade. Ocupou várias vezes cargos públicos no município; especialmente recebeu gerais aplausos como “Pai dos pobres”. Como tal soube por meios acertados e brandos pôr termo á mendicidade pública.

O Senhor abençoou com 6 filhos o seu lar de cristão zeloso. Três entre eles abraçaram o estado religioso. Um irmão do nosso Venerável fez-se Irmão leigo na Congregação do SS Redentor; uma irmã chegou a ser Superiora Geral do Instituto das Irmãs de Caridade de S Carlos Borromeu.

“Nossa educação, dizia Neumann, foi feita segundo as antigas máximas católicas; nossos pais eram ótimos cristãos. O pai depois de feita a oração da manhã ocupava-se em vigiar e guiar os oficiais e operários durante o resto do dia. A mãe todos os dias ia á Missa, levando sempre consigo, ora um ora outro dos filhos. Comungava freqüentemente e aos jejuns da Igreja ajuntava os de sua devoção. O filho que a acompanhasse ao terço ou á Missa ganhava uma moeda ou qualquer outro mimo.”

Vigiava a Providencia pela vida de nosso Joãozinho. Tendo apenas três anos caiu numa cova de quinze pés de profundidade sem sofrer a menor lesão.

Era rigorosa a educação que o Sr. Neumann dava aos seus filhos. Certa vez Joãozinho pregou-lhe uma pequena mentira. O castigo foi severo. “Este

castigo me foi salutar — adverte o Venerável — porque desde então guardei-me de faltar á verdade.” Muitos anos depois, sendo Bispo, ao visitar seus pais, lembrou-lhes o castigo sofrido e agradeceu ao velho Neumann o rigor que então usara.

Aos sete anos entrou nosso Joãozinho para a escola municipal. Devido a seu talento precoce e grande amor ao estudo aprendeu logo a ler e escrever. — Herdara de seu pai, diz ele, pronunciado amor pelos livros, a ponto de consagrar-lhes o tempo que outros passavam brincando ou caçando passarinhos.

“Minha mãe ralhava comigo chamando-me de maluco pelos livros.” Com o tempo os pais tiveram que lhe comprar um armário onde o diligente leitor ia enfileirando seus livros, como um general os seus soldados. Mas João não se contentava com o ler; refletia, procurava aprofundar o que havia lido. Vá o seguinte caso como prova. João dormia no mesmo quarto com Wenceslau. Certa noite vem este queixar-se com a mãe de que o irmão não o deixava dormir. E logo vai a mãe para o quarto resolvida a aplicar umas chineladas no pequeno desordeiro. Chega-se á cama do filho e este a desarma com uma pergunta á queima-roupa: “Mamãe, como é possível que a terra se sustente no ar sem cair?”

A conduta do menino era, do contrario, exemplar. O caminho mais curto da escola para casa atravessava a praça publica. Para não ser testemunha dos jogos barulhentos dos meninos que por lá tumultuavam, tomava nosso Joãozinho outro trajeto mais comprido. Gostava de brincar, mas fazia-o com meninos escolhidos, no pátio de sua casa. Seu professor de religião passou-lhe o seguinte elogio:

“Desde criança João excitava minha admiração e muitas vezes lembrava-me das palavras: ‘O que virá a ser este menino um dia?’ Foi sempre um discípulo tão dócil que a conselho meu, lhe entregou o mestre, ainda na classe inferior, a vigilância dos pequenos alunos.”

Um rasgo formoso de caridade derrama luz sobre esta época. Encontrou-se um dia com um menino pobre que, de porta em porta, ia tirando esmolas as quais depositava num saquinho de pano. Ao vê-lo assim enterneceu-se Joãozinho e disse com visíveis mostras de compaixão: “Oh! si eu tivesse um saquinho como este para ajudar o pobrezinho! Ganharia então o dobro da esmola”.

Com sete anos confessou-se pela primeira vez. Dois anos depois recebia o sacramento da Confirmação e, com licença especial de seu catequista, aproximou-se no ano seguinte da santa mesa. Já então sabia todo o seu catecismo maior. Daí em diante desejava receber o pão dos anjos seguidamente, graça que lhe foi concedida pelo confessor. Nos últimos tempos de escola ajudava a Missa todos os dias. Fazia-o com muito respeito respondendo corretamente ao sacerdote. Nunca tomava café ao ir para a igreja. Assim não poucas vezes ficava em jejum até o meio dia.

Aos doze anos foi João para Budweis afim de freqüentar o celebre liceu da cidade. Padeceu muito neste colégio. Vejamos como nô-lo conta: “Tínhamos um professor que, sobre ser o velho e bonachão, se dava muito á bebida. Não íamos adiante nos estudos; e, pior ainda, me ia esquecendo das cousas ensinadas pelo catequista (seu professor de latim). No terceiro ano o referido professor apresentou-se

embriagado aos exames e foi dispensado do cargo. Pouco depois punha termo á vida. Seu sucessor era tão sábio como severo, querendo repetir num semestre as matérias de dois anos e meio. Cousa meramente impossível para a maioria dos alunos, viciados pela vadiação nos tempos do predecessor! Muitos foram então os reprovados. Mais do que isso sofri com as exigências descabidas do professor de religião. Era o pedantismo e aridez em pessoa. Fazia questão de cada palavrinha e como não tivesse eu boa memória para guardá-las todas, eram-me modestíssimas as aulas de religião.”

No fim do quarto ano João voltou para casa triste, desanimado. Pensava seriamente em largar dos estudos. Caro custou á sua boa mãe é ás irmãs convencê-lo para que os continuasse. Deixou-se persuadir, voltando para o colégio em Budweis. Houve então radical mudança em tudo; foram rápidos seus progressos nas ciências. São unânimes seus condiscípulos em afirmar que Neumann se destacava entre todos os outros. Ele próprio nos diz: “Durante os dois anos de filosofia operou-se em mim uma notável mudança. Havia uma dúzia de estudantes muito afeiçoados a diversas ciências, o que nos levava, nas horas e dias de recreio, a mutuas comunicações nos diversos ramos. De grande auxilio nos foi neste estudo a amável condescendência dos padres Cistercienses, nossos professores de filosofia. Deixei-me arrastar demasiadamente nestes dois anos pelo amor ás ciências naturais. Preocupava-me com a história natural, física, geologia, astronomia, álgebra, geometria e trigonometria, matérias que antigamente me não sorriam muito.”

Seus discípulos louvam sobre tudo seus conhecimentos, tão vastos como sólidos, na astronomia e botânica. Dedicava-se além disso ao estudo das línguas modernas, particularmente da francesa e italiana. “Dotado de excelente talento, observa um dos seus colegas, era Neumann ao mesmo tempo mui estudioso. Nos passeios levava sempre um livro consigo; nunca o vi ocioso.” Outro fala-nos do ótimo microscópio, com que Neumann admirava na criação visível a grandeza e onipotência de Deus, e das acertadas palavras que então usava para despertar os mesmos pensamentos nos outros. Neumann conhecia todos os clássicos, como nô-lo garantem eles.

Escreve o apóstolo S. Paulo que a piedade para tudo é útil; e que nos alcança as bênçãos do Senhor na presente e na vindoura vida. Nosso estudante compreendeu o alcance destas palavras e soube harmonizar a piedade com os estudos. São muitos e preciosos os testemunhos referentes a tal verdade. Impossível seria reuni-los todos na presente brochura. Conta um de seus colegas ter visto, numa das visitas que lhe fazia, o livro da Imitação de Cristo ao lado do globo celeste feito pelo dotado aluno. Outro companheiro inseparável era o “Guia dos pecadores” de Luiz de Granada, que João lia com assiduidade. A oração, a leitura espiritual, a frequência dos sacramentos, eram os meios que empregava para livrar-se dos grandes perigos que ameaçam a mocidade.

Ouçamos suas interessantes declarações: “Era meu cuidado tirar o maior proveito possível da Santa Comunhão. Lembrando-me da piedade presenciada em casa dos pais e da devoção com que

minha mãe se preparava para recebê-la, procurava imitá-la no fervor. Assim livre-me de muitos pecados e perigos geralmente fatais para tantos moços. Neste tempo ouvia missa todos os dias e, pela tarde, visitava alguma das igrejas, o que faziam também diversos dos meus companheiros.”

A isso juntava Joãozinho diversas mortificações. “Desde muito cedo — escreve padre Berger, sobrinho do Venerável e autor de uma biografia sua — compreendeu ao clarão da graça ser de absoluta necessidade a mortificação dos sentidos para quem deseja progredir na virtude. Aos 16 anos alimentava-se só uma vez por dia; pela manhã e pela tarde contentava-se com um simples pedaço de pão seco.

Uma vez terminados os estudos em Budweis, precisava decidir-se nosso moço sobre a vocação que devia seguir. Desde pequeno pensava e desejava ser padre e unicamente neste intuito havia começado os estudos. Agora, porém, na hora de decisão veio-lhe a tentação. Refere-nos ele que, de 89 a 90 pretendentes ao estudo de teologia, somente 20 podiam ser aceitos no seminário maior. O medo de ser rejeitado despertou-lhe o desejo de se dedicar á medicina. O pai concordava; não assim a mãe. Insistiu com o filho para que solicitasse a admissão no Seminário.

Neumann obedeceu e, contra toda a expectativa, foi aceito mesmo na falta de qualquer recomendação alheia. “Daí em diante — escreve — sumiu a tentação de estudar medicina; renunciei até por completo e sem muito custo a diversos estudos favoritos, como física, astronomia, etc.”

Em novembro de 1831 começou Neumann o estudo de teologia, continuando-o com ótimos resultados.

Andavam tão contentes com ele os professores, que logo no primeiro ano lhe fizeram conferir as ordens menores.

No principio do segundo ano Deus revelou a seu servo a vocação que o esperava no futuro. “No segundo ano de teologia — conta-nos o Venerável — comecei a ler publicações da sociedade de S. Leopoldo. As cartas do padre Barága, e de outros missionários na América do Norte, agradavam-me extraordinariamente. Passeando um dia ás margens do Moldava com um condiscípulo nos veio o pensamento de uma atividade apostólica na América, depois que houvéssemos terminado os estudos em Budweis. Minha resolução, a partir deste momento, era tão firme e decidida que já não pensava em outras cousa.”

Tudo quanto nosso seminarista empreendia tinha então em vista sua ida para América, sua vida de missionário nas remotas regiões do Novo Mundo. Para melhor aprender as línguas modernas, máxime o francês e inglês, pediu admissão no Seminário Arquiepiscopal de Praga, para onde costumava o Bispo de Budweis mandar os seus melhores alunos. Lá acharia facilidade no estudo porque podia freqüentar ás aulas da Universidade. Alcançou o que pedira. Teve, no entanto, desiludidas suas esperanças. Na Universidade não se ensinava o inglês. Neumann teve que aprendê-lo sozinho. Sobre a pronuncia consultava alguns trabalhadores ingleses de certa fabrica. Alem disso proibira o exmo. sr. Arcebispo que os alunos assistissem ás aulas de francês. O único remédio era estudá-lo sem mestre. Foi o que fez. Continuava ao mesmo tempo o estudo do italiano, traduzindo para o alemão o belo livro de S. Afon-

so “Caminho da salvação”. Diz o padre Berger ter Neumann estudado também o espanhol, chegando a ler os escritos de Santa Teresa e as cartas de S Francisco Xavier; no original espanhol. Uma antologia composta por ele naquele tempo enche 38 cadernos. Veja-se pois qual não devia ter sido a cultura de seu espírito e a grandeza de seus conhecimentos. Antes de embarcar para América Neumann entendia nada menos que oito línguas.

Mais uma dificuldade veio ajuntar-se ás que já existiam. Campeava na Universidade de Praga — como aliás nas outras também — o josefismo, irmão mais velho do galicanismo. Era justamente o mal reinante na infeliz Áustria. Já S Clemente Maria tivera seus atritos com a tal fiscalização do imperador sacristão.

— Eu não podia aceitar doutrinas que ao meu ver eram opostas aos ensinamentos da Santa Madre Igreja, escreve-nos Neumann. A maioria dos alunos seguia as opiniões dos professores daí resultando para nosso seminarista maus quartos de horas, frequentes dissabores e contrariedades. Até despezos e humilhações não lhe foram poupados. Nas suas “Memórias” lamenta-se ele do grande “isolamento em que vivia”.

— Todos me desprezam — são suas palavras — como realmente mereço; todos fogem de mim. Os maus, porque não posso concordar com seus planos; os bons porque procuram os perfeitos. Estou só, desprezado pelos homens, cheio de pecados, em tua casa ó Senhor, Bem Supremo. Quisera abominar os prazeres do mundo e os celestes os não mereço. Minha vida é sem alegrias.” Mostram-nos estas palavras, e outras mais de seu diário, que

Deus o experimentava com provas interiores, dúvidas, perplexidades. Para cúmulo dos males não tinha com quem se abrir. “Porque não me ouves quando te invoco? — escreve triste. Que farei, meu Deus, sem fé, sem caridade, sem esperança? A quem me dirigir, si Deus está irritado contra mim?” Eram terríveis os assaltos das tentações: “Meu Jesus — exclama — si queres que me assaltem as horríveis tentações contra fé, derrama sobre mim toda sua amargura mas não permitas que eu caia.” Tais palavras lembram idênticos sofrimentos de S Francisco de Sales quando estudava em Paris.

Suas “Memórias” revelam-nos a seriedade com que procurava chegar á perfeição cristã. É comovedor o tom de humildade na acusação de suas mais insignificantes faltas. Predomina, como sentimento, a dor dos pecados. Por causa deles derramava muitas lagrimas, impunha-se severas penitências, buscava meios de oferecer satisfação a Deus pelas menores transgressões de sua santa lei.

Concordam com o referido os testemunhos de seus discípulos. “Era muito viva a sua fé — diz um — e como conseqüência disso admirávamos sua sincera piedade. Em segredo praticava muitas mortificações, principalmente nos últimos anos de seus estudos. Passava horas muitas em oração, mesmo nas noites frias de inverno. Sinceramente obedecia aos Superiores, sem contudo adúlá-los ou aviltar-se.” Outro colega conta que Neumann passava noites inteiras rezando, sobretudo nos dias de comunhão. Refere também que em 1835 o real e imperial governo perguntou si, entre os seminaristas de Praga, não havia algum bom conhecedor de varias línguas que se prestasse a aceitar o posto de secreta-

rio numa importante embaixada. As vistas de todos caíram naturalmente sobre Neumann. Mas ele nenhum passo deu para alcançar a importante e honorífica colocação. O motivo — como o disse mais tarde — era a firme resolução de ir quanto antes para América do Norte.

Aos 8 de julho de 1835 deixou Neumann o seminário de Praga e voltou para Prachatitz. Voltou desconsoladíssimo. Porque? Porque esperava celebrar sua Missa Nova antes de embarcar para a América e assim dar aos seus pais a benção de primiciante. O céu havia determinado o contrario. Enquanto eram ordenados seus colegas, a ele adiaram a ordenação. Qual o motivo de tal excepcional medida? Claramente nô-lo não diz Neumann no seu diário. Verdade é que sua diocese de Budweis tinha muito clero naquela época. Parece, no entanto, não ter sido este o único motivo e que a principal razão se deva achar na prevenção do Reitor do seminário e de alguns professores do Seminário contra o seminarista que não partilhava as idéias errôneas, em voga nas preleções. Também não aprovavam o plano de apostolado na América. Neumann resolvido a seguir sua vocação se decide a deixar a pátria mesmo antes de ter recebido as ordens sacras. Todavia não pôde fazê-lo logo. Durante a semana que precedeu a viagem multiplicou os exercícios de piedade e penitencia, fez devotas peregrinações aos santuários de Nossa Senhora para obter a proteção de Deus e de sua Santíssima Mãe. Seu coração sensível padeceu muito ao declarar o plano aos pais. A generosa mãe concordou logo; o pai, apesar de dar seu consentimento não se mostrou lá muito contente

estabelecendo como condição que partisse o filho sem despedidas formais da família.

Angariada a soma necessária por uma coleta entre os sacerdotes — pois João não queria ser pesado aos seus — deixou Prachatitz a 8 de fevereiro de 1836. Sabe Deus os sentimentos que tumultuavam no coração delicado de filho tão amoroso para com os seus. De outro lado a fé lhe mostrava as almas imortais que estavam á sua espera na América. De Budweis escreveu uma carta saudosa aos seus: “Minha partida rápida e prematura — escreve — não teve outro fim que o de diminuir a dor da separação. Suportai, queridos pais, com paciência o golpe que Deus desfere contra vós. Quanto maior é aqui neste mundo o sofrimento, tanto maior será também nosso gozo no céu.” Seu itinerário levou-o por Linz, Munique, Strassburg e Paris. Nesta cidade passou a Semana Santa, abismando-se nas meditações dos mistérios da redenção. Desejava Neumann ter em mãos, antes de embarcar, um documento autentico que lhe garantisse a admissão em alguma diocese da América. Seria prolixo referir aqui todos os passos que deu para alcançar tal documento. Suas esperanças dirigiam-se para a diocese de Filadélfia. Ouvia falar que o Bispo desta diocese estava em viagem pela Europa. Durante a viagem, mais tarde, ficou sabendo que o exmo. sr. Bispo — Francisco Patrício Kenrick — não precisava de padres alemães. Estava longe de adivinhar que 15 anos depois seria também não padre, mas Bispo em Filadélfia.

Suas vistas caíram então sobre a diocese de Vincennes, cujo Bispo viajava pela Europa. Esperou por três semanas em Paris a resposta do prelado. Mas esta nunca chegava. Vendo então que seus

recursos financeiros se iam, não teve remédio senão seguir viagem. A 20 de abril, a bordo do veleiro “Europa” deixou o Havre com o coração mais tempestuoso do que o mar. Duvidas, ânsias, temores, o agitavam. Estava resolvido a viver na América como um ermitão para fazer penitencia pelos seus pecados e dos outros, caso nenhum Bispo o quisesse receber.

Na travessia, que durou 40 dias, Neumann teve ocasião de ver como a Providencia zelava por ele. Num dia de tormenta quando todos os passageiros se achavam nos seus camarotes, ficou sozinho no convés do navio, recostado no parapeito, todo perdido nas suas meditações. De repente volta a si, como que impellido por força irresistível, deixa o lugar e eis que imediatamente cai com enorme estrondo uma trave sobre o sitio que havia deixado. Disso se aproveitou para renovar sua confiança e ganhar nova coragem para as dificuldades que o esperassem.

O velho Horácio falava da “dura navis”, navio incomodo, por causa das muitas privações a que estão sujeitos os passageiros. Neumann teve ensejo de isso constatar e sentir. O capitão nos seus modos era tudo, menos cortês e polido; os 200 passageiros na maioria protestantes divertiam-se á custa do pobre padre. Nosso seminarista tinha de viajar de terceira classe por serem poucos os recursos de que dispunha.

2. O missionário na América

No dia da Santíssima Trindade encostava o veleiro “Europa” no porto de Nova Iorque. Nosso passageiro só conseguiu desembarcar quatro dias depois. De-sejoso de saudar a Jesus Sacramentado pôs-se a percorrer as intermináveis ruas de Nova Iorque em busca de uma igreja católica, não ligando importância ao aguaceiro que caía. Foram inúteis seus esforços; só no dia seguinte pôde encontrar a catedral católica.

O sacerdote alemão Raffener apresentou-o ao Bispo Dubois, que fora de si de contente — pois precisava com urgência de um padre alemão — o recebeu de braços abertos, garantindo a Neumann ordena-lo brevemente, depois que vira os seus documentos.

Realmente aos 19 de junho de 1836 foi ordenado subdiácono, a 24 diácono e a 25 presbítero. Sua Missa Nova celebrou-a a 26 de junho na igreja dos alemães de S. Nicolau. Nela deu a primeira comunhão a 30 meninos por ele mesmo preparados para esta solenidade. Dois dias depois partia o neosacerdote para seu posto na região do rio Niágara, não longe da celebre cachoeira do mesmo nome. Numa carta dirigida á sua família escrevia: “Ao ver antigamente o quadro representando a afamada cachoeira de Niágara, nunca aí alguém se imaginou que eu havia de ser vigário nas suas vizinhanças. Estando bom o tempo chego a ouvir o seu soturno ruído com o fragor de uma saraivada distante.” Afirma-se que Neumann jamais foi ver o grandioso fenômeno da natureza, sacrifício voluntário tanto maior, quanto mais pronunciado era seu amor por seme-

lhantes maravilhas. De viagem para sua paróquia parou nosso vigário alguns dias em Rochester para anunciar a palavra de Deus e administrar os sacramentos a alguns católicos alemães, havia tempo privados de todo auxílio sacerdotal. Aí batizou a primeira criança em sua vida e logo escreveu no diário: “Si a criança que hoje batizei morrer na graça de Deus, oh, então minha viagem para a América tem sido abundantemente recompensada, ainda que não consiga eu realizar mais nada no futuro.”

Dispôs a Providencia que em Rochester se encontrasse pela vez primeira, com um redentorista, o padre Prost, cuja amabilidade o deixou encantado. Em Búfalo encontrou-se com o virtuoso padre Alexandre Pax, que daí em diante foi sempre seu paternal amigo. Somente a morte devia desatar os laços desta santa amizade entre tão zelosos sacerdotes.

Padre Pax acompanhou o novel vigário até Williamsville, sua nova residência, sita a umas quatro léguas ao norte de Búfalo. Largo, extenso campo se abria aos olhos do jovem vigário. Além de Williamsville, precisava atender a varias outras estações bem distantes uma da outra. A mais remota era Niágara a 17 léguas de sua residência.

Em todas essas estações não havia igreja. Um miserável galpão fazia suas vezes. A igreja de Williamsville estava em construção, não tinha ainda nem piso nem teto quando lá chegou Neumann. “A igreja de Lancaster é mais um galpão que um templo — escreve ele. Pregando depois da Missa ao contemplar a humildade de Jesus que se digna habitar numa choça mais que miserável, não pude conter as lagrimas e os soluços obrigaram-me a interromper o sermão.”

No começo de 1837 mudou-se Neumann para Nordbusch, onde havia uma capela de madeira e ao lado um pobre casebre do mesmo material. Era a residência do vigário, “o paço paroquial”. Aí recebeu a visita do seu Bispo no verão do mesmo ano. Vinha o Bispo acompanhado do padre Prost nosso conhecido. O prelado alegrou-se muito com o bem feito pelo zeloso vigário. Em verdade era bem difícil a ação pastoral naquelas paragens incultas. Aos domingos e dias de festa nosso vigário celebrava o santo sacrifício em duas estações.

O trajeto de uma a outra fazia-o a pé, levando nas costas os pertences necessários ao culto. Sucedia freqüentes vezes ser chamado para doentes mal terminava as sagradas funções. Ao anoitecer voltava á casa, alquebrado de cansaço, em jejum não raras vezes. Hoje era o suor que o banhava como recompensa de uma caminhada no sol a pino, amanhã a chuva se encarregava de enlameá-lo e lavá-lo no seu aguaceiro. Numa dessas jornadas através de florestas e pântanos, teve os pés tão feridos que impossível lhe foi continuar a viagem. Deitou-se triste e desanimado, rezando para que Deus mandasse seus anjos em seu auxílio. E Deus os mandou na forma de índios. Chegam-se a ele, inesperadamente, alguns índios. Padre Neumann começa a recear por sua vida. Mas os pobres índios vendo que se tratava do “roupeta negra”, aproximam-se com respeito, estendem diante dele a pele de búfalo, colocam-no em cima e levam-no assim até a casa paroquial.

Outra ocasião o surpreendeu nos pântanos uma horrível tempestade; noite escura cercava-o, perdido no lodaçal. Neumann não sabia para onde dirigir seus passos. Em transe tão doloroso enco-

menda-se a Deus e eis que divisa, ao longe, o bruxulear de fraca luz. Para lá se dirige, chegando a uma pobre choça em que, estendido no chão, jazia agonizante um velhinho, sem outra companhia que a da pequena filha, a única que lhe restava no mundo. Foi grande o consolo do velho irlandês ao ver o padre. Neumann deu-lhe os últimos sacramentos e confortou-o corporalmente com um trago de vinho de missa. Na manhã seguinte o enfermo estava fora de perigo. Deus havia ouvido as preces do seu servo a lhe pedir a saúde para o pobre pai, único arrimo para a inocência da filhinha que ficaria só no mundo, caso viesse ele a falecer.

Diga-se de passagem que o zeloso vigário se condoia das privações a que estavam sujeitos os emigrantes europeus na América. Essa pobre gente ia fazer a vida e muitas vezes a perdia, sem falar do grande abandono religioso numa região tão grande e tão desprovida de sacerdotes. Por isso Neumann procurava ajuntar ervas, que conhecia medicinais, para curar os seus paroquianos. Chegou mesmo a manusear compendio de medicina para os casos mais urgentes. Queria valer ao próximo, aos colonos da América. Botânico como era, arrumou uma bela coleção de plantas medicinais, mandando outra para Munique.

O sr. Schimidt, que hospedava o vigário conseguiu, que aceitasse um cavalo para as suas longas viagens. Foi isso o começo de uma serie de aventuras para nosso vigário, novato na arte de montar. O cavalo era novo, manhoso, mal amansado. Um dia o vigário vai montar. Por infelicidade põe o pé direito no estribo esquerdo, o cavalo parte logo, só restando ao cavaleiro o remédio de terminar a

ginástica e assentar-se na sela de costas para a cabeça do animal. Estranhando o cavaleiro, o cavalo dispara e tê-lo-ia atirado ao chão si não fosse a intervenção de uns viajantes que o cercaram. Falava-se da inteligência do animal que parecia estudar as ocasiões de envergonhar o vigário, expondo-o á risada dos transeuntes. Muitas vezes empacava no meio da estrada sem que Neumann o pudesse tocar adiante. Apeava-se então no meio da lama e puxava o manhoso animal pela rédea. Encontrando um tronco de arvore montava novamente e de novo o cavalo fazia suas artes. Por fim o vigário tomava o saco nas costas e caminhava na frente do animal indócil. Assim mesmo louvava sempre o seu “companheiro de viagem”. Quando parava para tomar uma merenda qualquer, repartia-a com ele. Certa vez um ferreiro vendo as manhas do cavalo se ofereceu a curá-lo disso. “Não quero que judies do meu bom companheiro, disse-lhe Neumann. Nós dois nos entendemos muito bem.” Qual nada. O ferreiro pulou em cima e mal dera uma voltas quando o cavalo o atira ao chão, quebrando-lhe um braço.

Outra vez o atento botânico caminhava a capricho do cavalo, olhando muito para as plantas á beira do caminho. De repente avista uma flor bem rara. Apeia-se e sem fazer caso do pântano, vai cuidadosamente por cima de uns troncos e consegue apanhá-la. Volta radiante de contentamento, fazendo planos sobre o achado quando o cavalo, esticando o pescoço por sobre o ombro do vigário, lhe abocanha a flor. Muito mortificado com a gulodice do animal, nisso viu no entanto Neumann uma permissão da Providencia para exercê-lo na paciência.

Prodigalizava especiais cuidados aos meninos. Nas estações levantava escolas para eles não contente com as igrejas que tinha de construir. Onde faltava professor ele mesmo se encarregava de ensiná-los, durante semanas ou meses inteiros. Aprendiam a ler, escrever e decoravam o Catecismo. Á semelhança do Divino Mestre atraía as crianças; quando o viam chegar corriam pressurosas a seu encontro com toda algazarra própria da idade. Os aplicados recebiam medalhas e terços.

De quem menos cuidava o vigário era de sua própria pessoa. Particularmente sua cozinha sofria com este descuido. Não tendo criado, por ser pobre, atendia em pessoa ao serviço da casa. Em Nordbusch tomou um menino de dez anos para lhe vigiar a casa durante as ausências longas e freqüentes. É pois fácil de imaginar qual teria sido a cozinha do vigário em tais circunstancias. Apenas uma vez por semana se via sair a fumaça pela chaminé. Si alguma alma compassiva perguntava de que vivia, retrucava Neumann: “Pão com queijo é alimento são e nutritivo”. O pequeno guarda era bem arguto para pregar peças ao vigário. Certa vez mandaram-lhe uma succulenta sopa. Enquanto comiam diz o pequeno: “Sr. vigário, si agora parar de comer, dormirá muito bem nesta noite.” Era isso alusão a uma frase que Neumann costumava repetir quando a fome o apertava. A saúde ressentiu-se das privações, caindo bem doente o desamparado vigário. A caridade de uma boa alma valeu-lhe em tal transe.

Muito melhorou a situação quando em 1839 veio seu irmão Wenceslau fazer-lhe companhia. Suas voltas á casa eram então mais confortadas porque encontrava o que comer e roupa fresca para

mudar. Além disso seu irmão auxiliava-o no ensino dos meninos em três a quatro lugares.

Não pequenos dissabores causavam ao vigário uns taverneiros que procurando só o dinheiro abriam suas vendas para toda sorte de diversões. Teve que aturar insultos, maus tratos e mesmo ameaças de morte por indivíduos dados aos vícios. Numa das localidades havia uma bodega perto da igreja. Musica e canto, danças e jogo formavam o acompanhamento ás palavras do vigário na igreja, distraindo e escandalizando os fieis. As freqüentes exortações, feitas com todo amor, de nada valeram. Porque anunciassem outra vez um grande baile para certa festa na referida casa, ameaçou Neumann de abandonar a localidade caso se realizasse o projetado baile. Realmente no dia aprazado, em frente á casa do vigário viram um carro para carregar seus livros e trastes. Não foi pequeno o susto do povo até então descrente que executasse sua ameaça. Pediram-lhe para ficar, visto que se desistiria do baile escandaloso. O “digam ao povo que fico” prendeu-se desta vez á renuncia completa do divertimento. O taverneiro teve de retirar-se do lugar.

Da mesma forma as seitas tão numerosas na América exerceram a paciência do vigário. Por desprezo e aludindo á sua pequena estatura chamavam-no de “vigarinho”. Certo dia, em pleno vigor de inverno, precisava nosso homem ir a um lugar distante para celebrar a Santa Missa. No caminho encontra-se com um carro onde ia uma família menonita. Os hereges convidaram-no a subir. Apenas o tinham lá dentro, começaram as tentativas de convertê-lo. Na despedida combinaram a realização de uma conferencia em casa do pregador da seita.

Chegado o dia e aberta a conferencia, perguntou Neumann si o Espírito Santo podia contradizer-se. Negaram-lhe tal possibilidade. Feito o que provou-lhes o vigário que as Bíblias se contradiziam. No decurso da controvérsia os hereges afirmaram ter a iluminação do Espírito Santo. No auge da discussão levanta-se um deles e diz ser sua vida prova da verdade da afirmação feita. Pois antes de receber o Espírito Santo era um ladrão de cavalos e vacas, caloteiro nos negócios, etc. Depois da conversão largara tudo isso.

— Ouvistes, senhores — replica Neumann — o pregador confessa ter sido ladrão de cavalos. Pergunto-vos agora: “Já restituiu ele os cavalos roubados?”

— Não, não; nada restituiu até hoje — foi a resposta geral. Continua roubando como dantes.

Chegada a tal ponto a conferencia, optaram os protestantes pela retirada e abandonaram a sala, um após outro. Daí em diante o “vigarinho” teve sossego. A muitos dos hereges teve o consolo de converter para a religião católica, êxito que mais se deve atribuir ás suas penitencias e orações que a outras diligencias.

No meio de seus contínuos trabalhos pela salvação do rebanho do Senhor em nada se descuidava-se de sua própria santificação. Demonstram-no os propósitos que então tomou.

1. Quero antes de tudo rezar o Breviário todos os dias “de joelho e com devoção”, o mais possível na hora marcada;

2. Quero fazer pontualmente a preparação para a Santa Missa, assim como a ação de graças;

3. Quero comer só uma vez por dia, ao meio dia ou á noite;
4. Farei a visita ao Santíssimo todas as tardes;
5. Hei de preparar-me melhor para os sermões;
6. Não falarei nunca sem necessidade e piedosa intenção; o mais possível nunca perderei a paciência;
7. Vigiarei bem sobre os meus sentidos e pensamentos.

Julgando descobrir em si alguma vestígio de avareza, fez na véspera da festa de S. Pedro de Alcântara o voto de pobreza e mais adiante lemos nos seus apontamentos; “A construção da escola (em Williamsville) correrá por minha conta. Por teu amor, ó Jesus, não quero reservar-me nada. O voto de pobreza que fiz secundará meus intentos e verei si foi sincero o meu propósito”. Comprou também com seu dinheiro os moveis para a escola

Chorava sempre seus pecados. Só Deus sabe quantas lagrimas derramou e quantas austeridades praticou por penitencia. “Sem cessar quero chorar meus pecados, mesmo que perca a luz dos olhos” — são palavras suas.

Não o havia abandonado o pensamento de internar-se num longínquo deserto. “Para fugir a terrível responsabilidade a respeito do meu rebanho — diz ele — julgava meu dever retirar-me a alguma remota soledade, onde pudesse levar uma vida oculta e penitente, ou trabalhar como desconhecido jornalista.”

Ao lado deste zelo e fervor, andava sua alma em trevas de desolação e muito sentia o santo vigá-

rio tal abandono. Como sacerdote não podia tolerar esta falta de luz, fazendo-se a si mesmo as mais amargas acusações de ter deixado ao Senhor, correndo atrás de Baal.

Julgava-se a causa de todos os males que se faziam na paróquia. Daí a força dos pensamentos sobre a retirada para um deserto.

No entanto Deus estava preparando aquela alma para altos planos de sua Providencia. Queria tirá-lo do mundo e depois elevá-lo ao trono de bispo.

3. Missionário redentorista

As incessantes fadigas do apostolado haviam abalado a saúde de ferro do vigário. Pela Páscoa do ano de 1840 esteve durante três meses atacado por uma pertinaz febre intermitente. Logo que se restabeleceu dirigiu-se a Rochester para passar alguns dias em companhia do Redentorista padre Senderl. Cada vez mais íntimas iam se tornando essas relações com os bons amigos Redentoristas. No outono do mesmo ano resolveu-se Neumann a entrar na Congregação.

Sobre a origem de sua vocação escreve ele o seguinte: “Durante quatro anos havia trabalhado para infundir nos meus paroquianos o mesmo fervor que havia notado nas paróquias de Rochester. Debalde. De um lado isso e de outro o natural desejo — ou melhor sobrenatural — de viver numa sociedade de sacerdotes, para não me achar tão sozinho entre os mil perigos do mundo, fizeram nascer em mim o desígnio de entrar na Congregação do Ss. Redentor. No mesmo dia 4 de setembro escrevi ao Superior padre Prost, pedindo a admissão. Recebi esta graça por carta do dia 16, na qual me vinha a ordem de partir para Pittsburg. Com a carta na mão participei ao exmo. sr. Bispo a resolução que tomara e pedi-lhe ao mesmo tempo a santa bênção. Com muito pesar e somente após demorados processos concedeu-me finalmente as dimissórias.”

A 18 de outubro chegava padre Neumann a Pittsburg, recebendo a 29 de novembro o santo habito das mãos do padre Prost. Foi o primeiro noviço aceito na América do Norte. Feliz presságio! Um mês mais tarde batia á porta do convento um outro

moço: queria ser irmão leigo. Era Wenceslau o já conhecido cozinheiro, mestre-escola e sacristão do nosso padre. Esse irmão faleceu em 1896 depois de uma vida bem edificante. Os redentoristas, enviados pelo padre Passerat, exerciam seu ministério no Novo Mundo desde o ano de 1832. Longe levaria referir as peripécias do começo. Não conseguiram fundar uma casa canônica e já pensavam em regressar para a Europa. Animou-os todavia o venerável velho e homem de Deus, padre Passerat, garantindo-lhe para o ano da canonização de Santo Afonso a fundação da primeira casa americana. E foi profeta. De fato em 1839 era canonizado Afonso de Liguori em Roma, e na América estabelecia-se a primeira comunidade redentorista em Pittsburg.

Padre Neumann começou seu noviciado em Pittsburg e terminou em Baltimore. Não era possível a existência de um noviciado regular perante as excepcionais condições, em que então se achava a Congregação na América. Seguidamente viam-se os Superiores obrigados a empregá-lo nos ministérios apostólicos. Seu Mestre tinha de se ausentar freqüente e demoradamente. Nos seus apontamentos diz-nos padre Neumann: “Naquele tempo não havia noviciado nem Mestre de noviços na América. Em troca havia muito trabalho. Eu fazia com os outros irmãos leigos as duas meditações de cada dia, os exames de consciência, a leitura espiritual, a visita ao Santíssimo e rezava o rosário: era tudo.” Mais tarde, como Bispo, escreveu a seu sobrinho recém-entrado para a Congregação: “Eu nunca fui um verdadeiro noviço. Pois quando entrei em nossa Congregação não havia nem noviciado nem Mestre de noviços na América do Norte. No entanto fiz as mi-

nhas experiências e fiquei conhecendo muitas tentações com que o velho inimigo assalta os recrutas de Santo Afonso. As enfermidades da alma são tão numerosas como as do corpo e para perseverar não há meio melhor do que pedir á Senhora a santa perseverança, manifestando sempre, sem demora ao diretor espiritual as diversas tentações.”

O fervor do noviço supria á falta de um bom noviciado. Chegava ao heroísmo seu amor á pobreza. Em Rochester alojava-se debaixo da escada com uma mezinha e fragílissima cama. Tratava-o com dureza o padre Mestre e repetidas vezes lhe dizia: “Volte para as suas estações; o sr. não agüenta os incômodos conosco.” O fervoroso noviço padecia muito com tal linguagem, mas calava suportando com paciência todos esses tratos. Aos 16 de janeiro de 1842 foi Neumann admitido aos votos. Em verdade um homem novo — observa o cronista da casa, fazendo alusão ao nome do neo-professo.

Feita a profissão permaneceu Neumann em Baltimore para atender juntamente com o jovem padre Frey aos quatro mil católicos alemães espalhados pela populosa cidade. Pastoreavam ao mesmo tempo umas dez estações situadas nos Estados de Maryland, Virginia e Pensylvania. A distancia de Baltimore regulava 20, 10 até 40 léguas. Acostumado a esse gênero de apostolado visitava padre Neumann com freqüência os pobres e bons católicos, desprezando os mil incômodos e privações inerentes naquella época ás viagens longas.

Em março de 1844 foi nosso padre nomeado Superior da comunidade de Pittsburg. Como tal dirigiu a construção da formosa igreja gótica dedicada á Santa Filomena. Arcou sozinho com as despesas. “O

que então sofreu este santo homem — escreve padre Seelos — só Deus sabe e no dia do juízo manifesta-lo-á para gloria de seu servo. Aos sabidos era preciso fazer o pagamento dos operários, mas já nas sextas feiras não havia dinheiro algum, nem esperança de consegui-lo. E no entanto — cousa admirável — sábado á noite estavam todos pagos.” No primeiro domingo de outubro de 1846, na festa do Rosário, foi solenemente inaugurada a magnífica igreja. Em seguida começou padre Neumann a construção de uma casa ampla para a comunidade.

O fervoroso Superior era incansável no confessional, no púlpito, nas escolas. Para poupar a seus confrades tomava sobre si as molestas visitas aos enfermos, sobre tudo á noite. De manhã aparecia sem falta para a meditação, mesmo quando havia saído de noite para distantes confissões.

“Morávamos, padre Neumann e eu — escreve o citado padre Seelos — no mesmo quarto, separados apenas por uma cortina. Assim podia ouvi-lo rezar em voz baixa até tarde da noite. Dormia tão pouco que não compreendo como pudesse viver. Consagrava especiais cuidados ás escolas sabendo que delas dependia o futuro da religião católica nos Estados Unidos. Gostava de assistir ás aulas. Porque faltasse apropriado livro para o ensino da religião, compôs ele mesmo dois catecismos, um elementar para os principiantes e outro maior para as classes superiores. Sacrificou á sua composição as horas destinadas ao sossego e repouso noturno. De ambos os livros foram feitas varias edições. Escreveu também uma História Bíblica para o uso das escolas.

Como Superior não perdia padre Neumann de vista o principal fim do Instituto: as santas missões. Tomava parte nelas com muita freqüência. Nessas missões eram abundantes os trabalhos e mortificações de toda espécie. Refere padre Seelos que em viagem a S. Vicente, aonde iam pregar uma missão, entraram numa hospedaria para passar a noite. Foram mal recebidos e caro lhes custou obter uma ceia muito ordinária. Depois do que nem cama lhes deram; os pobres missionários tiveram que passar a noite sobre um banco. Padre Neumann passou a noite em oração e os copiosos frutos alcançados na missão foram o fruto desta prece.

Não poucas vezes serviu-se a Providencia do nosso padre para realizar admiráveis conversões. Sirva de prova o seguinte caso. Um pobre homem reduzido a maior miséria resolveu-se a passar com sua família para a seita protestante. Queria fazê-lo só por fora, para receber auxilio da seita. E assim fez. Os remorsos, porém, foram tamanhos que lhe tiraram por completo o sossego. Passa um dia diante da igreja dos redentoristas quando justamente padre Neumann celebrava a santa Missa. O canto solene do Kyrie chega ao ouvido do infeliz e comove-o profundamente. Entra na igreja e quase sem saber como adianta-se até a mesa da comunhão. Aí permaneceu apoiado sobre sua bengala, observando as cerimônias. No momento em que o sacerdote parte a sagrada hóstia dá um grito e cai de joelhos soluçando. Terminada a Missa confessou-se com padre Neumann e disse-lhe que havia visto umas gotas de sangue no momento acima referido e ouvira as palavras: “Tu por tua apostasia me fizeste derramar este sangue.”

Querendo o Senhor enriquecer seu servo com novos méritos mandou-lhe uma gravíssima enfermidade. Atormentava-o uma tosse continua acompanhada de vômitos de sangue. O medico constatou pulmão atacado e declarou que o padre devia deixar Pittsburg. Por isso no mês de janeiro de 1847 mudou-se o doente para Baltimore. Seu descanso não devia durar muito tempo.

Em fevereiro recebe uma carta da Europa pela qual ficava nomeado Vice-Provincial das casas da América. Possuía então a Congregação dez casas nos diversos Estados da federação americana. O total dos padres era de trinta. Como Vice-Provincial trabalhou muito para consolidar as fundações existentes e abriu uma casa em Cumberland e outra segunda em Nova Iorque. Muito zelou pelas casas de formação” O noviciado e estudentado são as sementeiras da Ordem, dá onde devem sair os missionários. Si aí forem os jovens educados no espírito de Santo Afonso poderá a Congregação dar conta do seu fim.” Nomeou Mestre de noviços ao padre See-los, homem de altos espíritos e sólidas virtudes. Sobre a sua atividade apostólica em Baltimore escreve o seguinte á sua família: “Atendemos aqui a 3 escolas e sempre se apresentam protestantes desejosos de instrução religiosa e admissão na Igreja Católica. Muitos mostram depois sua gratidão para com Deus, levando uma vida bem fervorosa e edificante, cousa que difficilmente se encontra na Europa. No ano passado foram recebidos em nossa igreja 85 adultos. Um terço deles eram negros. Em Nova Orleans temos agora uma casa e por isso o recomecei a estudar o espanhol. Volto a ser aluno com 36 anos. Nunca se lembrou de dizer nas cartas que era Superior.

Em 1847 construiu uma nova escola em frente á nossa casa de Santo Afonso. Uma religiosa profesora nessa escola escreve: “Devendo dirigir a escola de meninas no tempo em que o padre Neumann era Superior, tive muita ocasião de apreciar seus dotes e belas virtudes. Era um sólido catequista e grande amigo das crianças. O que mais eu admirava era sua calma e mansidão, ao par da constância em por ao alcance das pequenas cabeças as verdades da religião e lhes inculcar princípios religiosos. Pude observar a salutar impressão que causava nos maus alunos. Os pequenos pecadores confessavam espontaneamente seus pequenos furtos e mentiras.”

Durante sua estadia em Baltimore chegou a ser um verdadeiro pai para as comunidades religiosas. As Irmãs Pretas que trabalhavam entre as crianças de sua cor, estavam prestes a se dissolverem. Nosso padre tomou a direção do Instituto, trabalhou como capelão, fez-se mestre dos orfãozinhos e proporcionou ás religiosas toda espécie de socorros. A associação refloresceu; o número das Irmãs aumentou de 3 a 16. Era também confessor extraordinário das Carmelitas e soube entusiasamá-las pela perfeição religiosa. Novo campo de atividade abriu-se para nosso Superior com a chegada das Irmãs de Nossa Senhora de Munique em 1847. As primeiras dificuldades foram vencidas com seu eficaz auxilio; entregou a essas Irmãs três escolas e muito as recomendou aos senhores Bispos.

S. Paulo numa de suas cartas escreve que muito teve de sofrer por parte de falsos irmãos. O mesmo aconteceu a Neumann. Incluiu Deus ates sofrimentos em seus planos para mais e mais desprender o seu servo das cousas deste vale de lagri-

mas. Padre Neumann foi exonerado de seu cargo de Vice-Provincial como há tempo o havia desejado. Seu sucessor foi o celebre padre Bernardo Hafkenschaid, missionário de nomeada. O novo Superior chegou a América a nove de janeiro de 49. Padre Neumann ficou em Baltimore como simples religioso contentíssimo por se achar livre de responsabilidades. Assim mesmo teve de substituir ao padre Bernardo no posto de Provincial durante os seis meses que este gastou na viagem a Europa. Em 1851 nomearam-no Reitor da nossa casa de Santo Afonso em Baltimore e Consultor do Provincial. Em todo esse tempo deu constantes provas de humildade. Um dia — sendo ainda Vice-Provincial — chegou muito cedo a uma das casas, sem ser esperado. O porteiro, postulante ainda, desconhecendo-o recebe com maus modos o visitante e o condena a esperar no saguão. Imaginava lidar com qualquer sacristão que vinha pedir emprestados os paramentos da casa. E saiu resmungando alto contra a curiosidade do homem, em querer lhe saber o nome. Ficou muito corrido quando viu o padre Reitor ajoelhar-se e beijar a mão ao desconhecido sacristão atrevido. Padre Neumann consolou paternalmente ao aflito porteiro.

Sendo Reitor de Baltimore escolheu o quarto mais incomodo da casa, colocado em frente á porta de entrada. Queria estar logo ás ordens quando precisassem de algum padre. Nas conversas nunca fez perceber a superioridade do seu talento ou de seu cargo. Nos assuntos de mais importância pedia sempre o parecer dos outros. Amante da observância regular, traduziu do italiano as Regras do Instituto e as levava sempre consigo.

4. O Bispo incansável

No outono de 1851 assegurou o piedoso irmão Atanásio que vivia na casa de Pittsburg ter visto a Neumann revestido de insígnias episcopais e rodeado de gloria. Padre Seelos então Reitor apressou-se em dar esta noticia ao padre Neumann que lhe respondeu: “Diga ao bom irmão que si já não está louco, peça muito a Deus para que não chegue a tal ponto.”

Mas o louco tinha razão. Não tardou muito e estava realizada a piedosa visão do humilde leigo.

O exmo. sr. Kenrick, Bispo de Filadélfia, fora promovido para a sede arquiépiscopal de Baltimore e vinha todas as semanas ao convento dos padre redentoristas confessar-se com o Reitor Neumann. Numa dessas ocasiões disse a seu ilustre confessor: “Sei por informações particulares que o sr.. será nomeado Bispo da Filadélfia. Trate de arranjar uma mitra, meu padre.” Foi enorme o susto do confessor. Desejava sempre passar a vida num canto desconhecido e muito contra seu gosto o haviam feito Reitor e Vice-Provincial. Agora ainda mais essa; ser Bispo!

Ajoelhou-se diante do Arcebispo e derramando lagrimas pediu-lhe que dele se compadecesse impedindo tal nomeação. O prelado ficou comovido e prometeu fazer o possível para livrá-lo da mitra. Padre Neumann escreveu incontinenti ao Procurador Geral em Roma rogando que pusesse em jogo todos os recursos ao seu alcance. Muito rezou e fez rezar. Mandou ás comunidades que pedissem a Deus para afastar de uma diocese americana uma enorme calamidade. Os padres de Santo Afonso rezavam os

salmos penitenciais para não perderem o querido Reitor.

Tudo inútil. “Todas as nossas diligencias — escreveu-lhe padre Quéloz — não deram resultado” O Santo Padre respondeu aos pedidos na seguinte forma: “Trago em meu coração a todos os padres Redentoristas. Fizeram no caso o que Deus deles exige. Mas tenho confiança em Deus que me não engano para conhecer o que o bem da Igreja reclama, e o que pede o bem de Congregação em particular. Aprovo pois os votos dos Cardeais e ordeno ao padre Neumann que aceite o bispado de Filadélfia sub oboedientia formali, sem mais apelação.”

Entrando certo dia em sua pobre cela viu padre Neumann reluzir sobre a mesa um anel e uma cruz peitoral. Na sua ausência tinham sido estes objetos colocados no quarto pelo Arcebispo D. Kenrick. Entendeu logo o sentido de tudo. Estava nomeado Bispo. Passou a noite em oração.

No dia seguinte — 20 de março de 1852 — entregou-lhe o prelado a bula pontifícia com a ordem formal do Santo Padre. Logo no dia 28, depois de um retiro de oito dias, foi consagrado Bispo, na igreja de Santo Afonso em Baltimore. A participação do povo católico não podia ser maior. D. Kenrick foi o sagrante. Como lema tomou o novo Bispo as palavras: “Passio Christi conforta me.” Dois dias após a sagração partiu para Filadélfia.

A recepção do novo Bispo na estação da cidade episcopal foi singela e modesta. Não queriam os padres sabedores que eram da humildade do prelado, vexá-lo com pompas ruidosas e acertadamente empregaram o dinheiro arrecadado para isso em escolas católicas. Muito agradou ao Bispo tão feliz

idéia e logo deu a seus padres os mais calorosos parabéns.

Uma das primeiras cousas do prelado foi ir á cadeia onde se achavam dois condenados á morte por homicídio praticado. Os pobres nada queriam saber de penitencia e reconciliação com Deus. Neumann gastou muito tempo para convencê-los, ora com energia ora com bondade, a que se preparassem para a morte. Conseguiu-o finalmente. Ambos morreram reconciliados com Deus.

Vivia exclusivamente para o rebanho que Deus lhe havia confiado. Fazia tudo para todos afim de ganhá-los para Nosso Senhor. Todos os domingos e dias de festa pregava em uma ou mais igrejas. Sem tardar começou a visita de sua enorme diocese. Anualmente visitava os lugares maiores; os menores de dois em dois anos. Convertia essas visitas em verdadeiras missões. Pois pregava, ouvia confissões, dava catecismo, e estava á disposição de quantos o procurassem. Era conhecido que o Bispo ouvia confissões em seis a sete línguas. Só para confessar uns velhos irlandeses, diocesanos seus, mas que não falavam o inglês aprendeu também o irlandês. Uma velha irlandesa depois de confessar-se com o Bispo foi toda contente dizer em casa: “Graças a Deus que temos agora um bispo de nossa terra.”

Pela iniciativa ou sob os auspícios do Prelado surgiram como por encanto novas igrejas e escolas em todos os cantos da diocese. Já no primeiro ano de governo pôde Neumann inaugurar e benzer cinqüenta novas igrejas. Em 1857 podia escrever a seu velho pai: “Passei quase todo o verão em visitas pastorais que, apesar de todos os incômodos que

trazem, me deram muito consolo. Os católicos ganham cada vez mais coragem e mostram maior zelo pela nossa religião. Neste verão foram construídas 20 novas igrejas, custeadas todas pelas coletas nas respectivas freguesias. Há entre elas seis igrejas dos alemães. Aqui em Filadélfia estão construindo atualmente quatro igrejas; a catedral é toda de pedra as outras são de tijolos. Em 1859 era inaugurada a belíssima catedral. É uma das maiores dos Estados Unidos.

Quanto ás escolas católicas declarou logo na sua primeira pastoral que formariam o objeto de sua solicitude principal. Somente duas escolas existiam quando chegou Filadélfia. Oito anos depois — ao fechar os olhos na morte — havia perto de cem escolas. No ultimo ano de sua vida pôde dizer: “O céu tem abençoado visivelmente a obra das escolas paroquiais. Quase não há paróquia sem a sua. Para dirigi-las solicitou o concurso de varias Congregações religiosas. Como não bastassem as então existentes, fundou a conselho do Santo Padre, uma Congregação de Irmãs Terceiras de S. Francisco, dando-lhes para esse fim mui sabias constituições. Atualmente o Instituto conta com mais de quatro mil religiosas.

Algumas vezes necessitava vencer resistências e desunimos por parte dos vigários. Assim um dos vigários da sede episcopal não podia resolver-se a abrir a desejada escola, apesar das reiteradas ordens do seu Bispo. Julgava que não era oportuno o momento e impossível a ereção da escola.

— Si tal vos parece, disse por fim o Bispo, saberei arranjar para a paróquia outro padre que julgue possível a realização do meu desejo.

Foi quanto bastou. A escola foi aberta e em pouco tempo contava com milhares de alunos. As famílias católicas secundaram as intenções do Prelado e em breve tempo viram-se despovoadas as escolas oficiais. A debandada chamou a atenção da opinião pública. Um dos jornais escreveu: “Lastimamos que uma das confissões mais estimadas da nossa cidade (a população católica) tenha retirado sua confiança em nossas escolas. Devem existir muitos erros no nosso sistema; o governo terá que abrir um inquérito sobre o caso e remediar as faltas.”

Para meninas havia três colégios dirigidos pelas Irmãs da Visitação e pelas Damas do Sagrado Coração. Neumann conseguiu que fossem abertos mais outros três. Para meninos possuía a diocese três internatos. Fez abrir mais um. Gostava de visitar os alunos desses colégios e lhes falava do amor de Deus, da dedicação aos estudos. Tinha especial prezar em estimulá-los no estudo. Assim acontecia que cativos de sua afabilidade e sabedores dos seus profundos conhecimentos vinham os alunos expor ao “Bispo” problemas difíceis na solução. Um dia, ao entrar numa aula, deu com o professor e os alunos embaraçados por causa de uma afirmação feita pelo autor do compendio e o resultado obtido pela observação no telescópio. Expuseram logo o caso ao Bispo. Em poucas palavras e sorrindo lhes cortou o Bispo o nó da questão, dando-lhes o rumo a seguir. Outra vez era uma planta, da qual não se sabia descobrir o nome e a classificação. Monsenhor esclareceu a dificuldade e indicou o livro onde estava a indicação desejada.

Ao lado da catedral edificou um asilo para as crianças pobres. Seguidamente ia ver suas orfãzi-

nhas. Era isso um dia de festa, pois nunca vinha com as algibeiras vazias. Sua entrada punha aquela colméia de crianças em polvorosa. Cercado por elas falava-lhes do Pai que está nos céus, da sua bondade, das flores que criou para nossa alegria. E por aí começava. As crianças faziam-lhe uma infinidade de perguntas curiosas sobre o sol, a lua, as estrelas, as flores e os anjinhos. Neumann esquecia-se do mundo e tornava a ser criança com aquele mundo infantil.

O Bispo saía para confessar os pobres doentes. Mesmo á noite o viam dirigir-se á casa de um pobre moribundo, levando auxilio para o corpo e para a alma. No hospital, onde era visitante assíduo, parava á cabeceira de cada cama consolando os enfermos e animando-os á paciência. Não se esquecia de recomendar ás Irmãs que vissem nos doentes a Jesus padecendo.

Côncio da utilidade das Missões, tratou de mandar pregá-las desde o primeiro ano de seu governo. Assistia devotamente ás pregações e exercícios da Missão para assim atrair as bênçãos de Deus sobre o povo por seu exemplo e oração.

Especial cuidado votava á formação dos futuros sacerdotes. Por isso fazia freqüentes instruções aos seminaristas sobre a teologia pastoral. Guardase ainda no seminário de Filadélfia um manuscrito que contem a explicação do Novo Testamento, escrita pelo Bispo. Ao chegar á sede encontrou apenas 40 seminaristas e cem padres, número certamente insuficiente para a vasta extensão da diocese. Neumann dirigiu-se a seus amigos na Europa para, por intermédio deles, conseguir bons sacerdotes ou teólogos. Só em 1859 viu a realização de um sonho de

muitos anos: pôde inaugurar o seminário menor, destinado a meninos que se julgassem chamados para o sacerdócio. Daí tirou um bom e numeroso clero. O historiador Clarke afirma: “O seminário alcançou sob o governo de Neumann tão grande prestígio como nunca dantes tivera.” O Santo Padre concedeu-lhe o privilegio de conferir o grau de doutor.

Seguindo o exemplo de Santo Afonso consagra Neumann a mais profunda veneração aos sacerdotes e trazia-os todos bem dentro do coração. Era em verdade o amigo mais dedicado deles todos. Obrigava-os a se cuidarem quando doentes, respondia imediatamente às suas cartas e não recuava diante qualquer sacrifício para tirá-los de algum embaraço ou torná-los contentes. Sua casa era o hotel dos padres que passavam pela cidade. Mas a isso unia também zelo pela disciplina e pelo fiel desempenho dos deveres. Principalmente exigia que andassem sempre com o habito eclesiástico e não frequentassem as estações de banho.

Todos os grandes e celebres Bispos na Santa Igreja jamais deixaram de consagrar dedicado amor às Ordens religiosas. Também Neumann não se esqueceu de seguir essa tradição. Membro de uma Congregação religiosa não podia negar suas preferências para os religiosos. Guardou como armas do bispado as próprias armas da Congregação. Usou, até o momento de ser censurado por diversos sacerdotes, o habito redentorista. Mas quando ia passar uns dias com os seus confrades vestia de novo o habito de Santo Afonso.

Certo dia alguém teve a imprudência de lhe dizer que já não era redentorista. Neumann afligiu-se muito e propôs sua dúvida ao Santo Padre Pio IX.

Este o sossegou dizendo que possuía as virtudes de um bom religioso e que tinha parte nos méritos de seus confrades.

Seu amor não se limitava á Congregação de seus votos. Estendia-se a todas. Não se contentava com um interesse geral pela prosperidade dos institutos religiosos, mas gostava de lhes mostrar essa grande afeição a cada passo, mesmo nas necessidades temporais. Ia muitas vezes presidir ás vestições e profissões nos conventos. Era edificantíssima a piedade com que fazia todas as cerimônias. Suas palavras calavam nos corações e ainda mais acendiam nas almas religiosas o amor pelo estado abençoado. Quando não podia assistir desculpava-se de moto tão atencioso que causava ótima impressão. Nas cartas ás Superiores de conventos repetia que nunca deviam deixar de recorrer a ele em qualquer embarço. “Na hora em que a precisão bater em vosso convento — escrevia a uma Superiora — avisai-me sem demora. Pois ainda que pobre eu também saberei valer-vos, porque Deus não nos abandonará.” Um dia, ao visitar um convento de irmãs, disse-lhe a Superiora: “Monsenhôr, é-nos bem difícil a vida. Ora não temos carvão e ora temos carvão, mas não temos o que cozinhar.” O Bispo animou-a, mostrando-lhe o Crucifixo na parede e ajuntou riso-nhamente: “Sendo meu costume distribuir medalhas, quero hoje distribuir umas medalhas-yankees.” E dizendo assim, passou para as mãos da Superiora cinqüenta dólares ouro.

Todavia era seu maior cuidado que reinasse nas comunidades o verdadeiro espírito religioso. Procedia meticulosamente na escolha dos confessores para religiosas. Como Santo Afonso queria que

as Irmãs educadoras fossem bem instruídas no livro do Crucificado. “O livro que mais deveis conhecer é o de vossas Regras; sendo fieis a Deus ele abençoará vossos trabalhos. Estou convencido que fará maior bem na classe uma Irmã que, possuindo menos ciência, tiver mais espírito de fidelidade a Deus.”

Por mais que Neumann trabalhasse para aumentar o clero de sua diocese nunca diferiu por muito tempo a licença que algum padre pedia para entrar num convento de religiosos. Estava convencido que Deus mandaria outro no lugar daquele que deixara o mundo para melhor servir a Nosso Senhor. Ia até mais longe. Muitas vezes nas conferencias aos jovens clérigos discorria sobre a sublimidade do estado religioso e animava-os a manifestarem algum desejo, que julgassem ter sobre este estado, prometendo de coração abençoar o eleito por Deus.

Parece inútil dizer que Neumann como Bispo ficou sendo o mesmo homem virtuoso, como no tempo de simples sacerdote e religioso. Todas as semanas ia ao convento dos Redentoristas para confessar-se. Uma vez por mês fazia um dia de retiro no convento de seus confrades. Nunca perdia os dez dias de retiro impostos pela Regra da Congregação. Não quis aceitar criados para a sua pessoa. Ele mesmo punha em ordem o quarto, limpava os sapatos e escovava as vestes. Tomava o café na sala de jantar e quando se julgava despercebido tomava um pouco de água com um pedaço de pão. E era tudo. Depois de sua morte o confessor manifestou o seguinte: “D. Neumann praticava sem cessar as virtudes da abnegação e mortificação, mas de modo tão prudente e discreto que a ninguém vexava ou causava admiração. Ocultamente levava sempre

o cilício e macerava o corpo com uma disciplina de pregos nas pontas. Graças a uma constante vigilância dos sentidos e recolhimento de espírito, chegou a vedar ás paixões que lhe perturbassem a paz da alma cândida e pura. Alcançou alto grau de contemplação. Seguindo o exemplo de Santo Afonso fez o voto de não perder um momento de tempo e guardou-o fielmente até a morte. Mesmo nas viagens via-se-lhe com um livro nas mãos, ou então escutava-se-lhe falar de cousas divinas.” A piedade mostrava-se principalmente quando o Bispo celebrava a Santa Missa ou conferia algum sacramento.

Não teve sossego enquanto não introduziu na sua diocese a adoração das Quarenta Horas, o que até então não era usado na América do Norte.

Deus mesmo se encarregou de guiá-lo nesta empresa. Há tempo lutava Neumann para convencer seus padres das vantagens deste piedoso exercício. Eles porém opinavam que seria para se temer mais a profanação e desrespeito do Santíssimo Sacramento. O servo de Deus flutuava entre o ditame de seus conselheiros e as aspirações de sua piedade quando resolveu o caso. Uma noite já havia escrito muito tempo no seu gabinete, quando se apaga a luz. Neumann acende outro toco de vela e continua o trabalho. O cansaço venceu-o e adormeceu. Quando acorda vê queimados os papeis que despachava, mas com as letras bem legíveis. Comovido cai de joelhos e ouviu no interior uma voz que lhe dizia: “Assim como a chama arde sem destruir e prejudicar as letras, assim eu distribuirei minhas graças no Santíssimo Sacramento sem prejuízo de minha honra. Não temas, pois, uma profanação de meu Sacramento e não adies a execução de teu desígnio.”

No mesmo dia escreveu Neumann o decreto ordenando o exercício das Quarenta Horas nas paróquias.

5. Viagem a Roma e últimos anos de vida

A convite do Santo Padre Pio IX, embarcou o Bispo Neumann em outubro para Europa. Era isso o ano de 1854. Queria ele assistir á solene declaração do dogma da Imaculada Conceição, ato que teve lugar a oito de dezembro do mesmo ano.

Em Roma hospedou-se o Prelado na casa dos seus confrades, em Monterone. Todos edificaram-se com seu espírito de pobreza e humildade. Saía quase sempre sem as insígnias de sua dignidade, a pé sem fazer caso do tempo que reinava.

Sua extrema modéstia não impediu que sobre ele caíssem as vistas dos cardeais e do Papa. Pio IX convidou-o diversas vezes para audiências privadas e distinguiu-o ainda com mais outras atenções. A primeira vez que foi falar ao Papa este recebeu-o cheio de amabilidade e disse-lhe: “Monsenhor Neumann, bispo de Filadélfia! Então a obediência não vale mais que sacrifícios?” Escutou em seguida a relação que Neumann lhe fez sobre a diocese, decidiu diversos casos difíceis e por fim conferiu-lhe a dignidade de prelado domestico de Sua Santidade e diversas faculdades e privilégios.

Aos 17 de dezembro escrevia monsenhor Neumann a um de seus padres: “É impossível descrever-lhe a solenidade do dia oito deste mês. Não tenho nem tempo nem talento para tanto. Agradeço a Deus haver-me concedido, após tantas graças, esta de poder ser testemunha da festividade em Roma.” De Roma foi a Loreto celebrar a Santa Missa na Casa Santa. Fez a viagem á moda dos pobres peregrinos. Causou isso suma admiração a um senhor que o havia conhecido em Roma e agora o en-

contrava num pobre hotel de Ancona. Uma aventura esperava nosso homem. Não podendo ler o passaporte escrito em inglês, queria um soldado austríaco levar a Neumann para o primeiro posto policial. Não teve ele outro recurso senão mostrar sua cruz de Bispo e o anel sagrado. Á vista disso declarou-se satisfeito o guarda da fronteira. Em Viena hospedou-se com os seus confrades na celebre igreja de Maria Stiegen.

Em Praga foi recebido pelo imperador Fernando que lhe fez o presente de mil florins para a construção da catedral em Filadélfia.

Seus padroeiros no céu não se esqueceram do humilde Bispo. Disso é prova o seguinte fato. Na viagem de Roma a Viena extraviara-se um cofrezinho que levava muitas e preciosas relíquias. Em vão mandou diversos telegramas da estação de Viena. Neste transe encomenda-se Neumann a Santo Antônio, fazendo o voto de colocar sua imagem numa das igrejas de Filadélfia. Nem havia acabado a promessa quando se aproxima um jovem e lhe entrega amavelmente um volume, dizendo: “Aqui tem o exmo. sr. Bispo o procurado cofrezinho.” Neumann ficou algo admirado ao ouvir o titulo de Bispo porque viajava sem insígnia alguma. Quis recompensar o atencioso portador mas não o viu mais.

De Praga foi a Prachatitz para saudar a seu velho pai. Tencionava chegar sem ser esperado. Enganou-se no entanto. Adivinhando essa intenção, mandaram seus concidadãos um espião na frente para denunciar a partida e prevenir a chegada do Bispo. Assim teve soleníssima recepção, sendo levado á igreja matriz ao repique de sinos e estourar de morteiros. Depois de cantar o Te-Deum dirigiu

Neumann algumas palavras a seus conterrâneos. Comovedor foi o encontro com o velho pai que chorava de alegria. Como um dos presentes lamentasse a ausência da mãe, observou Neumann: “Ela nos vê do céu e alegra-se conosco.” Permaneceu seis dias com os seus concidadãos.

No dia 9 de fevereiro, bem de madrugada, deixou às escondidas sua terra natal, voltando para América. Passou por Paris e Liverpool chegando a Filadélfia a 28 de março de 1855.

Não podemos deixar sem menção um fato ocorrido em Munique que mostra claramente a humildade do venerável Bispo. Parando alguns dias naquela cidade recebeu o convite para assistir às exéquias solenes do Arcebispo, há pouco falecido. À hora marcada entrou na sacristia um sacerdote de pequena estatura, com uma valise na mão, retirando-se para um canto onde se pôs a rezar o rosário. Era o Bispo Neumann. Enquanto rezava ouviu dizer aos padres vizinhos que se esperava o Bispo de Filadélfia, que havia aceitado o convite. Teve então que abrir a valise e vestir-se como Bispo causando admiração a todos pela modéstia de seu procedimento.

De volta á sede episcopal continuou os trabalhos com redobrado zelo. O peso da diocese já se lhe ia tornando cada vez mais sensível. Neumann queixa-se disso numa carta pelos fins de 1856: “Os trabalhos vão crescendo. Pois o numero dos católicos aumenta rapidamente e na mesma proporção me crescem os cuidados. Oxalá andassem todos os católicos fazendo progressos idênticos no amor de Deus. Estou sozinho nesse intrincado de tarefas. Por enquanto não estando a catedral em condições de

culto, não posso ocupar e sustentar a vários padres e por isso tenho que despachar pessoalmente as dispensas e atender a todos os negócios, a grandes e pequenos que me procuram, a clérigos e regulares. Tudo isso me traz numa dobadoura desde sete da manhã até nova horas da noite. Á noite estou cansadíssimo, mas, graças a Deus, a saúde é boa e resistente. Penso também não andar muito longe o dia de me ver livre deste desterro.” Realmente seus pensamentos voltavam-se seguidos para solidão. Tinha saudades das viagens pelo ermo das florestas quando ia visitar os pobres católicos perdidos nas choupanas. Isso escreve numa carta. De fato ofereceu-se na reunião provincial dos Bispo em Baltimore para aceitar uma das novas dioceses então planejadas. A Santa Sé não aceitou a oferta de Neumann e deu-lhe um Bispo coadjutor na pessoa de D. Frederico Jayme Wood. Dois anos mais tarde já sucedia ao servo de Deus na sede do bispado.

Grande dor estava reservada ao bondoso coração do Bispo. E essa veio-lhe com a horrível catástrofe de 17 de julho de 1856. Segundo o costume iam as crianças de uma paróquia da cidade fazer uma excursão pelos campos. Eram acompanhadas pelo vigário e pelos professores. Desde as cinco horas da manhã setecentas crianças, num ruído de andorinhas nas manhãs de primavera, tomaram o trem que as devia levar á desejada estação. A morte estava de ronda naquela região. Em desabalada velocidade vem do lado oposto um outro trem dando-se um formidável encontro, trepando as maquinas uma por cima da outra. Os carros ficaram espatifados e sobre o montão de tábuas rebentou apavorante incêndio. Gritos e gemidos de toda espécie saíam

do meio das labaredas. Sessenta e quatro cadáveres foram retirados dos escombros entre eles o do vigário, padre Sheridan. Os feridos eram oitenta e quatro. A cidade inteira caiu em profunda consternação e muitas famílias vestiram luto pela morte de seus filhos. O pobre Bispo não o sentiu menos. Interrompeu imediatamente a visita pastoral para levar aos enlutados as palavras de consolo e conforto e aos feridos os socorros de seu ministério. Chorou com os desditosos pais e muito contribuíram suas palavras para alívio dos que Deus acabava de provar de modo tão rude.

Entretanto chegava também o fim da vida para o servo de Deus. Os receios expostos nas suas cartas iam tornar-se realidade. Estava próxima a hora de sua recompensa. Alguns dias antes de morrer foi o Bispo, como de costume, confessar-se no convento de seus confrades. Enquanto esperava pelo padre Reitor encetou uma prosa com o irmão porteiro.

— Irmão, qual a morte que o sr. preferiria ter uma vez? — disse-lhe Neumann.

— Eu prefiro morrer depois de uma doença suportada com paciência; morte repentina é cousa arriscada, retorquiu o irmão.

— Um cristão deve no entanto estar pronto para morrer a qualquer hora e muito mais ainda um religioso. Estando preparado, ganha mais com a morte rápida e poupa aos outros muito trabalho e a si mesmo muita ocasião de impaciência. Em todo caso é sempre melhor o gênero de morte que Deus enviar.

A um sobrinho que o acompanhava numa saída disse: “Meu padre chegará a ter muita idade; eu

não chegarei aos cinqüenta.” E como o companheiro contestasse tal afirmação, repetiu-lhe: “Pois há de ver; eu não chegarei aos cinqüenta.”

Os prognósticos do santo Bispo deviam se cumprir. Aos cinco de janeiro, véspera dos Santos Reis, sentiu-se indisposto. Não obstante procurou divertir os comensais contando-lhes uma curiosa anedota de sua vida passada. De tarde saiu de casa para assinar um documento de certa propriedade da diocese. Ao voltar para casa caiu por terra numa das ruas da cidade, vitimado por violento ataque de apoplexia. Levaram-no para a casa mais próxima estenderam-no sobre um tapete e tentaram reanimá-lo. Em vão. Quando chegou o secretario do bispado com os Santos Óleos, quase ao mesmo momento, já era tarde. João Nepomuceno Neumann, Bispo de Filadélfia estava morto.

O telegrafo espalhou célere a noticia pelos quatro cantos do país. Foi uma consternação geral e profunda. Todos sabiam que o Bispo se havia sacrificado pelo excesso de trabalho. O mesmo dizia o Vigário Geral, testemunha ocular do continuo esforço do falecido. No começo não se queria dar credito á nova tão triste, mas os contínuos dobres de sino e os anúncios nas igrejas convenceram o bom povo de Filadélfia. Na manhã da Epifania foi o corpo exposto na capela do bispado onde enorme multidão desfilou em visita ao querido prelado. No dia nove foi então o solene sepultamento. O corpo foi levado descoberto. Nunca Filadélfia vira cousa igual em grandiosidade. Na frente marchava um corpo de policia e uma companhia de soldados com a banda de musica. Vinham em seguida as sociedades literárias, vinte e sete confrarias e irmandades, treze sociedades vindas de

Baltimore, depois as escolas e orfanatos da cidade, os alunos do seminário maior e menor e uma centenas de padres. O que mais chamava a atenção da compacta multidão ao longo das ruas era o aspecto calmo e tranqüilo do falecido que parecia dormir. Após a Missa de corpo presente, falou aos fieis o exmo. D. Kenrick e entre palavras disse ele: “Si saís para um negocio pensai que talvez não voltareis vivos; quando vos acomodais á noite refleti que o dia seguinte poderá encontrar-vos já sem vida!” Com as primeiras palavras descrevia a morte do seu grande amigo Neumann e com as ultimas fazia uma profecia sobre sua morte. Realmente três anos mais tarde era D. Kenrick encontrado morto na cama, pela manhã.

Colocaram o corpo do Bispo na cripta da igreja de S. Pedro. Até na morte ficou Neumann no meio de seus confrades, em cuja igreja se acha a referida cripta.

6. A glória depois da morte

Os grandes vultos da história profana morrem e levam sua grandeza. Com os santos de Deus começa a glória muitas vezes depois da morte. O mesmo se deu com Neumann. O povo fez justiça aos méritos do santo. Tornou-se celebre o seu sepulcro, sendo muitos os que vinham pedir favores naquele lugar, e quis o céu atender a esses pedidos para mostrar a santidade do invocado.

Atesta um sacerdote altamente colocado que por diversas vezes se havia recomendado ao Servo de Deus sendo sempre atendido com prometido, mesmo nos negócios mais intrincados.

A Irmã Anselma da Congregação de Nossa Senhora era professora na escola paroquial de S. Pedro. Não podia continuar no cargo por causa da surdez. Mal ouvia suas co-irmãs quando falavam em voz alta e junto ao ouvido. Que fez? Apegou-se com o Servo de Deus. Sua classe era contígua á cripta de S. Pedro e todas as manhãs antes de começar a aula ia rezar diante do sepulcro de Neumann. E conseguiu o que pedia. Durante cinco anos pôde dar as aulas, ouvindo perfeitamente as respostas das crianças. Mas (coisa curiosa) a surdez voltava logo depois das aulas, e quando a tiraram de professora por causa da idade perdeu a Irmã completamente a audição.

Uma senhora de Filadélfia que sofria de chagas abertas nos pés livrou-se delas pela intercessão de Neumann.

Animada com isso recorreu também ao mesmo protetor uma menina de doze anos ameaçada de perder a vista. Começou logo uma novena, visi-

tando diariamente o sepulcro do Bispo. Repetia muitas vezes: “Meu santo e bondoso Bispo curai-me para que eu possa voltar á escola!” Seus rogos infantis não foram em vão; realmente desapareceu o perigo e deram os médicos permissão para a criança voltar para a escola.

Um professor que perdera a fala, em consequência de um ataque nervoso, recobrou-a na cripta do Servo de Deus. Da mesma forma uma pobre viúva paralítica e doente de cancro e que já se resignara a morrer encontrou no mesmo lugar nova esperança e saúde.

Pelos fins de 1897 vários jornais americanos trouxeram a seguinte noticia: “A sepultura do Bispo Neumann é visitada todos os dias por centenas de pessoas, mesmo acatólicas. De dia para dia cresce seu numero. Tuberculosos e outros doentes são curados, cegos recuperam a vista e andam os paralíticos. O céu parece querer confirmar a fama de santidade do humilde Bispo.”

A 15 de dezembro de 1895 o Papa Leão XIII assinou o decreto pelo qual ordenava a introdução do processo de beatificação do Venerável Bispo Neumann. Um novo decreto de Santa Sé a 11 de dezembro de 1921 declara como heróicas as virtudes do Venerável.

Esperamos que Deus, o glorificador dos humildes, conceda logo a seu Servo a mais elevada honra que é permitido alcançar na terra: a honra dos altares.

Quando foi da declaração da heroicidade das virtudes do Servo de Deus Bento XV pronunciou um longo discurso do qual extraimos diversos pontos.

“Todos nossos amados filhos devem tirar proveito do presente decreto pelo motivo da índole própria que apresentam as virtudes do Venerável Neumann. Sobre esta índole se exagerou talvez a simplicidade pelos que julgavam não se poder reconhecer o grau heróico na virtude deste Servo de Deus, porque a seus olhos, as boas e santas obras feitas por Neumann são aquelas que todo zeloso missionário, todo bom Bispo devem praticar. Mas nós dizemos que, mesmo as mais simples obras, feitas com constante perfeição no meio de dificuldades inevitáveis podem atingir o grau de heroísmo de virtude na vida de qualquer santo. Na simplicidade destas obras descobrimos um forte argumento para dizer a todos os fieis de todo sexo e idade: “Vós estais obrigados a imitar o Venerável Neumann!” Não se exige para tanto que sejam todos missionários, que abracem a carreira sacerdotal, que sejam Bispos de Filadélfia e governem uma diocese, não. Requer-se que cada um seja homem de seu dever.

No meio desta simplicidade a admirável atividade do homem de Deus! O extraordinário numero de igrejas erigidas e escolas abertas pelo missionário e Bispo, unido ao numero muito maior de Missões pregadas de sacramentos administrados de visitas pastorais oportunamente realizadas: tudo isso fala muito alto em favor do humilde Neumann. Todavia se não mede o mérito de um homem de atividade, tanto pelo numero de suas ações, como na eficácia e estabilidade delas. Pois a verdadeira atividade não é um simples rumor, não é cousa de um dia; é obra que se desenvolve na hora presente sendo fruto do passado e devendo ser semente para o vindouro. Todos estes caracteres teve a atividade de Neu-

mann. Antes de tudo preparou-a. Fale em seu favor o cuidado em aprender novas línguas, a insistência perante seu Bispo para trabalhar na América, a diligência e paciência em se preparar e impressionar com o exemplo e palavra.

Não admira depois de tanta preparação o extraordinário resultado que conseguiu. Atribuía-mo ao desinteresse em procurar a glória de Deus e a salvação das almas. Sua vida diz claramente em cada pagina qual foi a colheita que fez em todos os campos de atividade.

Em tudo isso não perdia de vista o futuro, tendo em mira a estabilidade das cousas. É claro que esta estabilidade depende do sentido pratico das cousas e das obras, de acordo e proporção com o valor objetivo de cada uma delas. É evidente que os bens espirituais merecem mais estima do que os bens materiais, merecendo portanto ser chamado mais ativo aquele que procura primeiro o progresso intelectual e moral em vez do bem estar físico e material do povo. A favor de Neumann falam as inumeras escolas com que enriqueceu sua diocese. E escolas abertamente católicas! Assim se mostrou homem ativíssimo porque os meninos de hoje serão os homens de amanhã.

Como prova de nobreza e generosidade aí fica seu oferecimento para aceitar a novel diocese de Pottsville.

.....

Seja a simplicidade heróica da vida e das ações de Neumann, eficaz estímulo para os que com ele têm comum a vocação de missionários; seja-o para os

Bispos, que com Neumann têm comuns a dignidade e responsabilidade do altíssimo cargo, e seja-o também para a aqueles que em nossos dias se chamam propagandistas da ação católica. Queremo-los ativos, mas com aquela atividade que teve o Venerável Neumann e que foi tão admirável que se preparou com o estudo, se nutriu do zelo e desinteresse, sabiamente foi dirigida para o fim e fecundada com incomparável generosidade de espírito.

Sorri-nos a esperança de que será realizado esse nosso desejo pelos filhos de Santo Afonso que se apressarão em imitar o exemplo de seu Venerável confrade, aumentando assim as glórias de sua benemérita Congregação.”

